**Criação de bonecas de pano negras na escola: ações afirmativas na formação do professor de Arte**

Profa. Dra. Cássia Macieira

EIXO TEMÁTICO: Formação de professores e educadores de infância

Modalidade 2 – Projetos e Práticas

a) pesquisas em andamento ainda sem análise (projetos de pesquisa, metodologias de entrada em campo, discussões sobre hipóteses etc.).

RESUMO

A oficina de bonecas de pano negras, praticada com futuras(os) professoras(es) de Arte, objetiva diminuir o domínio das bonecas brancas como única imagem representativa no contexto escolar. O procedimento didático teve como premissa, primeiramente, ler e discutir as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana (Resolução No 1, de 17 de junho de 2004), vislumbrando confirmar a importância da consolidação identitária por meio da presença de bonecas negras, na escola, bem como reivindicar o engendramento das políticas de ações afirmativas no universo dos brinquedos. A repetição de qualquer boneca representando personagens heroínas louras como padrão de beleza, especialmente em um país miscigenado, leva ao desentendimento da criança sobre seu próprio corpo, ratificando a urgência de se estimular o pertencimento e os valores identitários. Entende-se que a realidade é construída sobretudo pela troca de conhecimento – objetos estéticos, encontros, práticas discursivas sociais e ideológicas frente à lógica da racionalidade – e sempre se deverá acionar a configuração de outra realidade, na tentativa de apresentar à infância uma forma demolidora da visão hegemônica e legitimar a efetividade do pensamento no qual está contida a base de toda política. Na infância, a brincadeira é fonte de desenvolvimento e linguagem: o imbricamento entre o desejo da criança e a realidade objetiva é que proporciona o acesso ao lúdico, ativado pela imaginação. São as brincadeiras que abrem espaços para o jogo da linguagem com a imaginação, configurando-se como possibilidade de forjar meios inéditos de conceber a realidade social e cultural, além de estruturarem os saberes e valores individuais e coletivos. Os brinquedos ganham vida através da relação entre sujeito e objeto – única para cada indivíduo, fazendo referência à sua história e cultura, entrelaçadas pela linguagem. Assim, a criança recria a realidade quando utiliza sistemas simbólicos próprios. O referencial teórico sobre o brinquedo e seu contexto apoiou-se na acepção do autor Gilles Brougère, visando reconhecer a boneca como elemento do jogo simbólico, relevante na infância, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana como emergência estética deste procedimento didático. A metodologia do projeto fundamentou-se nas obras: Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais, de Ivone Mendes Richter; Arte-educação: conflitos/acertos, de Ana Mae Barbosa e Ensino das Artes na Universidade: textos fundantes, de Maria de Lourdes Teodoro. Buscar-se-á situar o futuro professor-artista como mediador, na criação de bonecas negras, avaliando sua contribuição para o processo ensino-aprendizagem dos alunos, imbuído de capacidade crítica e protagonismo sem, contudo, olvidar do contexto escolar.

Palavras-chave: Infância, Boneca, Artefato lúdico, Étnico-raciais.

**Fundamentação**

O Brasil é um país que, ontem e hoje, comercializa mais bonecas brancas do que negras e consequentemente, as crianças brincam e vivem num contexto de supremacia das bonecas brancas.

Sobre o modo assimétrico de produção x recepção de bonecas brancas versus bonecas negras é coerente reivindicar que os impactos da Lei nº 10.639/03[[1]](#footnote-1) que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental e Médio reverberem no cotidiano familiar, nas comunidades e nas escolhas frente à dominação cultural. Que as políticas de ações afirmativas **–** na busca da equidade, capaz de “reverter a representação negativa dos negros para promover igualdade de oportunidades e para combater o preconceito e o racismo”[[2]](#footnote-2) **–** sejam premissas, inclusive para as regulamentações do Inmetro, prosperando brinquedos democráticos, fundamentados nas diferenças mediadas por empresários, fabricantes, distribuidores, lojistas, importadores e atacadistas. Porém, no contexto escolar, torna-se fundamental que a prática educativa de criação de bonecas negras, por discentes e docentes promova a consolidação identitária por meio dessa representatividade lúdica.

 A Mattel[[3]](#footnote-3) introduziu no mercado mundial, em 1981, uma boneca coadjuvante da linha Barbie: a “amiga negra da Barbie”, três décadas após o lançamento da boneca loura. Esta fabricante e outras empresas, ao explorarem o multiculturalismo através de produtos secundários (amiga negra), confirmam a superficialidade da relação com a cultura de seus consumidores; não por falta de mapeá-los, mas de conhecê-los: “(...) em 42 anos de existência, a venda da boneca Barbie está estimada em mais de um bilhão de exemplares, em 150 países. Isso significa que duas Barbies são vendidas por segundo no mundo”.[[4]](#footnote-4) Produto persistente de venda, sempre teve um consumidor ávido e constantemente estimulado, sobretudo nos Estados Unidos, país de origem da empresa: “somente em 1991, quando a Mattel legitimou esse mercado lançando três bonecas negras de tons diferentes de pele, as vendas aumentaram (...)”.[[5]](#footnote-5) Não por acaso, a indústria acompanhava o contexto da década de 1990, quando houve o aumento populacional e do poderio financeiro das famílias negras e hispânicas norte-americanas.”[[6]](#footnote-6)

[...] já a Abrinq considera que a porcentagem atual de bonecas negras no mercado é uma vitória. ‘Há 10 anos não havia bonecas negras no Brasil. A participação era zero. Conseguimos elevar esse número para 3%, o que consideramos uma vitória. Os sinais de mercado indicam que essa demanda pode ser crescente, e a indústria brasileira de brinquedos está preparada para atendê-la’, declarou Synésio Batista da Costa, presidente da Associação.[[7]](#footnote-7)

Sobre o fenômeno ‘consumo’ sabe-se que, muitas vezes, a decisão da compra do brinquedo é do adulto, não obstante seja influenciado pelos filhos; assim, é responsabilidade de ambos o protagonismo de bonecas brancas no mercado. Pergunta-se: a oferta assimétrica de bonecas brancas determina o consumo e posiciona o consumidor como passivo ou o mercado produz porque há demanda? Afinal, o consumidor pode ser “irracional, supersticioso, tradicionalista ou experimental: a essência do conceito de consumidor individual do economista é que ele exerce uma escolha soberana”[[8]](#footnote-8). Então, considerando a perspectiva da Economia, é válido pensar que a cadeia produtiva de brinquedos não é austera, autoritária, negligente e tampouco exerce uma autonomia[[9]](#footnote-9) suprema?

Se o mercado de brinquedos tivesse, há décadas, um histórico marcado por disponibilizar muitas e diferentes referências projetuais (estética), estimulando a diversidade, o pertencimento e valores identitários, as bonecas brancas seriam preteridas pelo consumidor[[10]](#footnote-10)? Não seriam elas apenas mais uma referência estética para que as crianças se reconheçam em diferentes contextos, sem as limitações impostas pelo mercado e a sociedade? Uma sociedade balizada predominantemente por bonecas brancas pressupõe diversos fatores, incluindo a reverberação do neocolonialismo; porém, tal constatação pode ser ingênua para os economistas que defendem uma teoria moralmente neutra do consumo. Segundo Canclini: “em quase todo tipo de consumo está claramente presente um conjunto de dimensões estéticas, de sentidos sociais e antropológicos, que às vezes é ocultado pela publicidade e pela redução da diversidade de significados a uma função única.”[[11]](#footnote-11)

Percebe-se que muitas experiências estão marcadas por discursos e ações deturpadas em relação à cor, gênero e etnia. Em *Relações étnico-raciais e educação infantil: ouvindo crianças e adultos,* as educadoras, ao proporem o diálogo com os campos das relações étnico-raciais e da educação infantil, reforçam que “adotar a igualdade como princípio não significa a eliminação da diferença, mas o seu reconhecimento”[[12]](#footnote-12). Foi percebido pelas pesquisadoras que, no ambiente escolar, quando da escolha de livros e de brinquedos e do cuidado com os aspectos estéticos (cartazes escolares) ocorre prioritariamente a representação do grupo branco, e isso certamente “impede as crianças negras ou de outro grupo construírem o sentimento de pertença ao seu grupo étnico-racial.”[[13]](#footnote-13)

A repetição de qualquer boneca representando personagens heroínas louras como padrão de beleza, especialmente em um país miscigenado[[14]](#footnote-14), leva ao desentendimento da criança sobre seu próprio corpo, confirmando novamente a urgência de se estimular o pertencimento e os valores identitários: “vivemos em uma nação em que uma sutil maioria da população é composta de pretos e de pardos (que, somados, constituem a categoria ‘negros’). Entre os demais, a maior parte são brancos miscigenados.”[[15]](#footnote-15)

Na infância, a brincadeira é fonte de desenvolvimento e linguagem: o imbricamento entre o desejo da criança e a realidade objetiva é que proporciona o acesso ao lúdico, acionado pela imaginação. São as brincadeiras que abrem espaços para o jogo da linguagem com a imaginação, configurando-se como possibilidade de forjar novas formas de conceber a realidade social e cultural, além de servir como estrutura na construção de conhecimentos e valores. Os brinquedos ganham vida através da relação entre sujeito e objeto – única para cada indivíduo, fazendo referência ao seu contexto, história e cultura, entrelaçados pela linguagem. Assim, a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios.

Par Gilles Brougère (1995), em *Brinquedo e cultura*, quando a criança se apropria do objeto (brinquedo) sua função e símbolo estão na maioria das vezes completamente ligados e são indissociáveis:

o brinquedo oferece um universo estruturado e completo no qual a criança pode mergulhar, pode-se introduzir. Percebemos, assim, uma autonomia do mundo do brinquedo que produz sua própria lógica. É preciso, também, levar em conta o impacto da dimensão funcional sobre a representação: a função pode, efetivamente, ter incidências sobre a própria forma de representação.[[16]](#footnote-16)

Nesse sentido, a incidência sobre a forma de representação é que deve ser criticada com vistas à dissimulação ideológica das estratégias mercadológicas da indústria de brinquedos. Torna-se prioritário entender o brinquedo, elemento do jogo simbólico (mediador), nesse lugar. Brougère assegura que “a aprendizagem é ativa no sentido de que não se submete às imagens, mas aprende a manipula-las, transformá-las e até mesmo praticamente negá-las.”[[17]](#footnote-17) O fulcro da questão é que a primazia das bonecas brancas não permite que a criança tenha escolha, sobretudo diante de um contexto homogeneizado, impedindo, então, a percepção sobre a diferença.

No Brasil, há dois órgãos atinentes a brinquedos: Abrinq (Associação Brasileira dos Fabricantes de Brinquedos) e o Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia, Qualidade e Tecnologia). Todo brinquedo, independente se é fabricado no país ou não precisa ser certificado pelo Inmetro. As avaliações “são determinadas de acordo com o tipo do brinquedo e baseadas na composição dos materiais utilizados pelo produto, na avaliação da intenção do uso e na forma de utilização do brinquedo pela criança”[[18]](#footnote-18). Já a Abrinq é uma entidade de classe de representação oficial da indústria e do setor de brinquedos, cujo objetivo é defender os “interesses da classe em todos os fóruns, nacionais e internacionais, dentro dos melhores preceitos éticos”[[19]](#footnote-19), representando a maioria dos fabricantes de brinquedos do país que aprovam o Código de Ética e Conduta da Indústria de Brinquedos.

O artefato industrial (brinquedo) bem apropriado pela indústria por sua dimensão simbólica (valores tangíveis e intangíveis) nunca deixará de ser comercializado, devido à grande procura. Além disso, tomando o consumidor como autônomo, livre das artimanhas da publicidade, deveria ser iniciativa da Abrinq, como órgão que defende “melhores preceitos éticos”, garantir ao consumidor uma variedade de produtos e iniciativas consoantes com a diversidade sociocultural brasileira. Além da mudança do comportamento de consumo coletivo, vislumbram-se mudanças na assimetria de bonecas brancas x bonecas negras, e a contextualização identitária via modo explícito: aumento da produção de bonecas negras e da diversidade de modelos; gestão do design na indústria (não embrutecimento) somada ao engendramento das políticas de ações afirmativas na indústria do brinquedo (democracia). Sempre com vistas que tais soluções repercutam em outros setores e estimulem novas *práxis* e respostas criativas dos agentes, preferencialmente imediatas, para as solicitações do meio social em questão.

Vislumbrando criar um material didático com vistas a criação de bonecas negras na escola torna-se fundamental engendrar essa prática democrática e identitária na formação de professores de arte. Para isso, este trabalho, ainda em processo, tem como processo metodológico a fundamentação teórica, primeiramente, o estudo das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana e assim vislumbrando confirmar a importância da consolidação identitária por meio da presença de bonecas negras, na escola. Em seguida, a investigação do entendimento do conceito de metodologia nas obras: *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais,* de Ivone Mendes Richter*; Arte-educação: conflitos/acertos,* de Ana Mae Barbosa *e Ensino das Artes na Universidade: textos fundantes, de* Maria de Lourdes Teodoro. Buscar-se-á situar o futuro professor-artista como mediador, na criação de bonecas negras, avaliando sua contribuição para o processo ensino-aprendizagem dos alunos, imbuído de capacidade crítica e protagonismo sem, contudo, olvidar do contexto escolar.

**REFERÊNCIAS:**

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação:conflitos/acertos*. São Paulo: Editora Max Limonad, 1985.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana. Brasília: SECAD/ME, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995.

DOUGLAS, M.; ISHERWWOOD, B. *O mundo dos bens:* uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004.

FERNANDES, Florestan*. O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

MEC – Ministério da Educação. http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares&Itemid=30192

MEFANO, Ligia. *Design de brinquedos no Brasil*: uma arqueologia do projeto e suas origens. Dissertação. Mestrado. Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2005.

RICHTER, Ivone Mendes. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

ROVERI, Fernanda Theodoro. *Barbie:* tudo o que você quer ser... ou considerações sobre a educação de meninas*.* Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, São Paulo, 2008.

SOARES, Lucineide Nunes; SILVA, Santuza Amorim da. *Relações étnico-raciais e educação infantil*: ouvindo crianças e adultos. Belo Horizonte: Ed. UEMG, 2017.

TEODORO, Maria de Lourdes (org). *Ensino das Artes na Universidade. Textos fundantes*. Curitiba: Editora Appris, 2018.

1. http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/Leis/2003/L10.639.htm [↑](#footnote-ref-1)
2. http://www.seppir.gov.br/assuntos/o-que-sao-acoes-afirmativas [↑](#footnote-ref-2)
3. Fabricante americana da boneca Barbie, representada durante muitos anos pela empresa brasileira Estrela - Manufatura de Brinquedos Estrela S.A., surge em 1937, no Brasil. [↑](#footnote-ref-3)
4. MEFANO, Ligia. *Design de brinquedos no Brasil.* Rio de Janeiro, 2005, p.13. [↑](#footnote-ref-4)
5. ROVERI, Fernanda T. *Barbie*: tudo o que você quer ser.... ou considerações sobre a educação de meninas. São Paulo, 2008,p. 67-68. [↑](#footnote-ref-5)
6. \_\_\_\_\_\_*,* p. 67-68. [↑](#footnote-ref-6)
7. FREITAS, *op. cit.* [↑](#footnote-ref-7)
8. DOUGLAS, M.; ISHERWWOOD, B. *O mundo dos bens*: uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p. 101. [↑](#footnote-ref-8)
9. A necessidade de ser capaz de escolher racionalmente num mundo inteligível é simplesmente uma extensão do conceito de racionalidade econômica. Sem ela, todas as outras suposições do conceito são muito pouco. Todos os demais seres vivos submetem sua experiência a um referencial organizador especifico da espécie, referencial esse que restringe o âmbito das mensagens e respostas possíveis. Mas a racionalidade humana não se submete. Ela negocia as estruturas organizadoras. A experiência humana pode correr para uma grande variedade de possíveis quadros de referências, pois o ser humano racional é responsável por recriar continuamente um universo em que a escolha possa acontecer. Dar sentido ao mundo envolve interpretar o mundo como sensível. Uma vez concedido a isso, a pergunta de por que as pessoas querem os bens pode transformar-se em algo como uma abordagem da informação. Mas é um exercício bem diferente do da análise econômica que conta o custo da informação como parte do custo da produção. DOUGLAS, M.; ISHERWWOOD, B. O mundo dos bens: uma antropologia do consumo. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2004, p. 120. [↑](#footnote-ref-9)
10. A pesquisa de campo sobre a supremacia das bonecas brancas nas prateleiras de lojas de brinquedos, no centro, em Belo Horizonte ocorreu no mês de fevereiro e março de 2018. [↑](#footnote-ref-10)
11. Disponível em: <<https://www.edusp.com.br/cadleitura/cadleitura_0802_8.asp>>. Acesso em: 20 fev. 2018. [↑](#footnote-ref-11)
12. SOARES, Lucineide N; SILVA, Santuza Amorim da. *Relações étnico-raciais e educação infantil*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2017, p. 25. [↑](#footnote-ref-12)
13. \_\_\_\_\_\_, p.24. [↑](#footnote-ref-13)
14. Veja a resposta da Empresa nacional Estrela: Sou professora e estou escrevendo um artigo sobre a recepção das bonecas negras negras no mercado. Gostaria da ajuda de vocês sobre o ano de fabricação da primeira boneca negra e a quantidade de produção hoje. agradeço desde já. prof. Cássia . RESPOSTA: Olá Prof.° Cássia.//Agradecemos o seu contato com a Estrela! Estrela é a indústria pioneira em bonecas negras e também a que mais lançou estas bonecas no mercado até hoje. Começamos essa fabricação ente os anos de 1940 à 1950. Em linha este ano nós temos a boneca Meu Bebê Negra e a coleção Adunni que pode ser encontrada exclusivamente nas lojas Ri Happy. Conte sempre conosco,Centro Estrela de Atendimento ao Consumidor facebook.com/BrinquedosEstrela www.estrela.com.br 0800-704-5520 [↑](#footnote-ref-14)
15. *Por que ensinar relações étnico-raciais e história da África nas salas de aula?* Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2014/03/19/por-que-ensinar-relacoes-etnico-raciais-e-historia-da-africa-nas-salas-de-aula/>>. Acesso em: 21 fev. 2018. [↑](#footnote-ref-15)
16. BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 44. [↑](#footnote-ref-16)
17. BROUGÈRE, Gilles. *Brinquedo e cultura*. São Paulo: Cortez, 1995, p. 49. [↑](#footnote-ref-17)
18. http://www.inmetro.gov.br/imprensa/releases/brinquedo2.asp [↑](#footnote-ref-18)
19. http://www.abrinq.com.br/QuemSomos.aspx [↑](#footnote-ref-19)